

T A Í S

A R A

Como quem reconhece a beleza de ser de verdade, Taís usa sua voz e arte como principais aliados nesses 30 anos de carreira. Em um movimento de olhar mais para si, seu momento atual é de reencontro com o teatro e foco nas narrativas que deseja contar, sem deixar de reservar tempo para respirar e apenas ser, fora dos holofotes

Por **Nívia Passos**

Styling **Rita Lazzarotti**

Fotos **Fernando Tomaz**

Direção criativa **Lori Baroni Bosio**

U J O





Tais veste blazer, camisa, colete e calça, tudo **Francesca**; anéis **Belo Imperfeito**; ear cuffs **Apricus**; sapato **Ferragamo**.
Na página anterior, vestido **Herchovitch**; **Alexandre**; acessório de cabeça **Davi Ramos**; braceletes e ear cuff, ambos **Apricus**; sapato **Ferragamo**

Na tarde de uma segunda-feira em São Paulo, não é exagero dizer que não tinha uma pessoa que não estivesse encantada com Taís Araujo enquanto ela fotografava o ensaio de capa desta edição. O magnetismo se dá não somente por seu claro brilho e beleza, mas por seu carisma envolvente, atenção às pessoas e aos detalhes e inteligência que transborda quando ela fala. Com 30 anos de carreira, não é por acaso que Taís é dessas personalidades que o público tem quase como íntima. Uma amiga que acompanhamos e torcemos, ainda que de longe, pelas conquistas.

Ao seu lado no carro, em uma viagem de pouco mais de 20 minutos para terminar a entrevista que começou no camarim antes das fotos, também foi possível ouvir de pessoas da própria equipe tudo o que ela é, além da artista de TV. Da mulher que se permite uma noite de vinhos com os amigos, mesmo tendo que acordar cedo no dia seguinte, à que deixa sempre um tênis no carro para treinar pela manhã, o que se vê é uma Taís que não recorre a desculpas para deixar de viver. E que, por tudo isso e mais, é admirada por quem mantém por perto. O afeto generoso foi o destaque entre as qualidades citadas por estes, junto da constatação unânime de ela não ser tão séria como muitos pensam. "Às vezes, eu falo umas coisas que são sérias. E acho que as pessoas só pegam essas partes", brinca.

Dona de personagens icônicas, tantas que a deixam até com dificuldade para escolher a mais emblemática, a artista faz parte da história das novelas e não pretende abandonar esse trabalho. Agora, em um movimento de voltar mais para si, se direciona, também, para o teatro e para o desejo de estar em narrativas sobre pessoas pretas onde a dor não impera. Já em evidência em um tempo em que poucas atrizes negras tinham espaço — em contraponto com o marco do último ano, com protagonistas como ela nas novelas das 18h, 19h e 21h, entende e assume o peso de sua voz para toda uma geração que se inspira nela, e pretende usar a potência de sua arte para firmar esse novo lugar. Longe de idealizações, porém, faz questão de se colocar como humana, assim como as mulheres que interpreta são, sem deixar de reservar espaço para sonhar — seja por meio dos livros ou revisitando planos guardados ao longo da vida. No Brasil ou na França, sonho antigo que compartilha em entrevista, o que não lhe falta é curiosidade e força para fazer acontecer pelos próximos 30 anos. A seguir, entre perguntas e respostas: Taís, de verdade.

O que te levou para o ofício de atriz?

Eu comecei a trabalhar como atriz de forma muito orgânica. A vida foi me levando e fui descobrindo as delícias da atuação. Desde a parte técnica até a prática, que é o que vai fazendo com que a gente fique, cada vez mais, interessada pelo mundo e pelo outro. Sou uma pessoa curiosa, e isso faz com que eu me interesse pelo outro. Gosto de gente, então me interessa pesquisar profundamente a complexidade de cada um pela atuação.

O que mais te toca na arte?

É a forma de me expressar, de me colocar no mundo. Me provocar e também provocar reflexão, além da capacidade de afetar o outro. É o meu trabalho, mas também adoro consumir arte e cultura.

Hoje, você está em um ponto da carreira que te permite selecionar ainda melhor os trabalhos que vai fazer. O que leva em conta na hora dessa escolha?

O papel tem que me afetar de alguma maneira. Às vezes não é nem o tamanho do personagem, é o quanto e o que ele provoca em mim. Com tantos anos de carreira, hoje em dia, também me pergunto: "O que ainda não fiz que me desperte o desejo de continuar contando histórias?". Já fiz muitas heroínas, agora tenho vontade de fazer vilãs.

E qual foi a personagem que mais te marcou?

Essa é uma pergunta difícil! Porque tem personagens que foram muito especiais para mim. A Xica da Silva, a Preta, a Penha, a Helena, a Michelle Brown, a Raquel... Estou citando aqui e nem sei se estão em ordem cronológica, mas acho que foram as mais importantes da minha carreira até aqui. →

O que ainda te desafia como atriz?

Eu sempre vou falar na complexidade, porque é o que procuro nas minhas personagens, junto à subjetividade de cada uma. É isso o que faz chegar mais perto de um ser humano. Todas elas têm um ímã e acho que isso é o que mais procuro.

A Raquel de Vale Tudo é uma das mais icônicas da teledramaturgia brasileira, e você sempre se mostrou emocionada ao falar dela. Qual o paralelo entre vocês duas?

A Raquel é uma personagem que eu amo muito — e não só porque sei que essa mulher existe na vida real. Quis fazer para essas mulheres que me emocionam demais. Ela e eu temos realidades tão distintas... Mas tem uma coisa que nos une: a tentativa de seguir a vida da forma mais verdadeira possível, tendo relações muito límpidas. Mesmo que isso me deixe exposta, muitas vezes, prefiro jogar aberto. E é por isso que durmo muito bem à noite. A diferença é que a Raquel é sempre muito convicta dos pensamentos dela. Eu também tenho alguns que são inegociáveis, mas sou mais flexível para ouvir o outro e entender.

Os rumos da Raquel na reta final de Vale Tudo repercutiram muito. Como lidou com essa questão?

Eu estou ali a serviço de uma obra, e em nenhum momento deixei de entregar meu melhor. Fui todos os dias trabalhar muito feliz. Pensava: "Estamos na reta final e a novela é um sucesso". Talvez seja a personagem da fase madura mais importante da minha vida, então não posso deixar que um evento estrague um trabalho que fiz com entrega, seriedade, amor e comprometimento. O que eu achei mais sensacional é que o público e a crítica reconheceram meu empenho, meu desejo de contar aquela história com verdade e dedicação.

No início da sua carreira, eram poucas as artistas negras em destaque. Como foi trilhar esse caminho muitas vezes solitário?

Não sei dizer exatamente como foi, porque sou uma pessoa que só vai. Vou indo, sabe? E não é fácil, claro. As coisas vão acontecendo, boas e ruins, mas sou difícil de parar. Sofro, fico triste, mas sigo. É uma característica minha. Naquela época, eu vinha de um lugar diferente da maioria das minhas amigas. Era difícil ter famílias negras onde eu vivia e estudava, então já partia da ideia de que eu poderia ser qualquer coisa — e isso é um privilégio que te permite levar tudo com mais leveza. Eu sabia que pertencia àqueles lugares, que eles eram legítimos para mim. Desde sempre, tive esse exercício de olhar e ser a única, mas estava acostumada a ocupar esse posto. Eu também era a única negra na escola, então estar sozinha ali era só uma repetição daquilo que a minha vida já me mostrava.

Em algum momento essa representatividade pesou?

Teve uma época que eu fugia um pouco, quando era mais nova, mas depois entendi a importância de ocupar esse lugar. E a partir do momento que entendi, vi que era algo do qual eu também era carente, por conta dessa lacuna. Aí comecei a ter prazer em ocupá-lo e construí-lo com consciência.

O que vocêalaria para a Tais de 20 anos atrás se ela visse meninas como ela em destaque na TV?

Isso é liberdade para você ser quem quiser. Você vai ser o que quiser, está vendo? Acho que essa é a maior liberdade que uma criança pode ter. Uma criança negra, especialmente. →

**"Todas as minhas personagens
têm um ímã,
e acho que isso é o que
eu mais procuro"**

Blazer e calça, ambos
Normando; earcuffs
Apricus; anéis Belo
Imperfeito



"A dor não pode

ser protagonista.



Ela, obviamente,

vai transpassar todos nós,

mas não nos resume"

Vestido Weider Silveiro;
braceletes dourados e ear cuffs,
ambos Apricus; braceletes
prateados Belo Imperfeito

Nesse caminho em que poderia ser qualquer coisa, o que se imagina sendo além de atriz?

Acho que eu posso ser produtora e posso... Descansar. Ficar mais dentro da minha casa. É engraçado, porque meu trabalho, para mim, não é trabalho. Eu me divirto e ele é muito bom, então não é que eu precise parar de trabalhar, mas olhar um pouco mais para mim. Entender o quanto sou eu e quanto é ele, porque a minha vida é muito misturada e está na hora de dar uma separada.

Nesse novo momento, focar no teatro é um dos objetivos, tanto que já tem planos para uma nova peça. O que pode adiantar?

Pedi para o Diego Teza, que é curador, procurar peças para mim com as temáticas que eu queria. Quando li a segunda que ele selecionou, parei nela e não consegui ver nada além. Agora que acabou a novela, estou nesse processo. Ainda não posso adiantar muita coisa, porque é só para o primeiro semestre do ano que vem, mas a peça é de uma autora inglesa e fala sobre conexão. É um solo, mas fala de um encontro de três mulheres negras de gerações diferentes: uma da minha idade, uma menina de 20 e uma mulher de 90.

E o que está te atraindo no teatro nesta fase da sua carreira?

O teatro vem junto com essa vontade de me voltar para dentro. É como voltar para casa. Esse texto fala muito sobre as novas narrativas que eu quero contar, de não enxergar a população preta só através da dor. A dor não pode ser protagonista. Ela, obviamente, vai transpassar todos nós, mas não nos resume. Minha pesquisa como artista, a partir de agora, vem muito dessa nova narrativa onde a dor não impera. Vou falar sobre relações, conexões, ancestralidade, irmandade, construção de uma identidade para além do que o outro diz que você é.

Falando de vida pessoal e internet, você e Lázaro são muito admirados nas redes sociais. Como conseguem preservar o espaço individual dentro da relação?

É filtro. A gente posta o que a gente quer. A nossa vida pessoal mesmo não está ali. Nossos filhos não estão ali. A minha vida privada é muito preservada. As pessoas acham que sabem, mas não. E também idealizam, né? Vi hoje uma foto em que estou deitada no Lázaro lá no Baixo Gávea. Eu estava exausta, dormindo e postaram: "Olha a paz que ela sente". Mas eu só estava cansada mesmo [risos].

Quando trabalham juntos, que parte criativa só o Lázaro acessa?

É muito bom quando ele me dirige. O Lázaro acredita muito em mim como atriz. Isso me traz segurança e fico livre para dar o que tenho de melhor. Não fico preocupada.

Qual é o maior aprendizado na relação de vocês?

Nossa, são tantos anos! Mas acho que é deixar o outro ser quem se é, sem que você deixe de ser você por causa disso. E colocar limites também, para que um não atravesse o outro.

Falando de autoestima, como está sua relação com você mesma quando se olha no espelho hoje?

Nossa, muito melhor! Como eu sofri nessa vida... E para que, né? Eu não ia à praia porque tinha vergonha das minhas estrias. Hoje em dia, não estou nem aí, nem vejo. Os anos 80 e 90 foram muito cruéis. O padrão de beleza era ditado, você tinha uma espécie de manual para seguir e sabia que jamais seria igual àquelas meninas idealizadas, porque é outra genética, outras origens. Mas passa. A maturidade é uma coisa boa na vida. Hoje, olho no espelho e me acho ótima. Estou felicíssima.

Quando teve essa virada?

Foi progressivo, mas especialmente depois que tive meus filhos. Nos primeiros anos, você só olha para aquela criança, mas depois volta a olhar para você e a se cuidar. Começa a entender o que realmente vale a pena na vida, o que vale sua energia, tempo e preocupação. Aí, quando começa a cuidar de você, tem resposta na alimentação que faz, nos exercícios... E sem idealizar nada. Acho que a grande questão é esta: se você ficar idealizando tudo, nunca vai atingir o que deseja, porque o ideal não existe. →

Taís usa vestido
Herchovitch;Alexandre;
acessório de cabeça **Davi**
Ramos; braceletes e ear cuff,
ambos **Apricus**



"Eu gosto de gente, então,
me interessa pesquisar profundamente
a complexidade de cada um
por meio da atuação"

Como cuida da sua saúde mental?

Faço terapia há anos. Treino todos os dias, tanto que deixo até um tênis aqui no carro. O exercício, para mim, tem muito essa função de saúde mental também. De desopilar, sabe? Consegui fazer uma novela inteira malhando todos os dias, e malho logo às seis horas da manhã, porque é o único horário que não tem desculpas para dar. Também medito às vezes, faço ho'oponopono, que é uma oração grande que você pode resumir em quatro frases: "Sinto muito, me perdoe, eu te amo, sou grato". Através dela, se você tem alguma questão, vai limpando de geração em geração. Amo fazer isso, é quase meditativo para mim.


Qual o segredo para dar conta de tanta coisa?

Eu não dou conta de tudo, não. Sempre cai um pratinho aqui e ali [risos]. Mas finjo que não caíu, tomo um chope e, na volta, eu cato. Essa vida é muito curta! Me recuso a levantar só para ir trabalhar e chegar em casa do trabalho só para dormir.

Sua relação com os livros é longeva. O que a leitura representa para você?

É meu escape desse mundo chato, é para onde fujo. A literatura me salva desse mundo cruel, pesado. Sabe quando a pessoa fica no Instagram a vida inteira procurando um escape? Você não está absorvendo nada, pelo contrário. Já na literatura, absorve universos inteiros. Sempre falei para os meus filhos: "Quando vocês começarem a ler, vão descobrir que não estão mais sozinhos". Minha filha já incorporou totalmente esse hábito.

Tem algum sonho de menina deixado no meio do caminho que você pensa em retomar?

Sonho em morar na França por um tempo para aprender francês. Vou para lá sempre, a trabalho e quando estou de férias. Uma vez, fui para ficar seis meses, mas tive que voltar com um mês porque recebi o convite para fazer a Helena [Viver a Vida, 2009]. Agora, quero esperar meus filhos crescerem para poder ir. Sou uma pessoa que sonha muito. As pessoas têm que me colocar no chão para falar que algo não vai dar certo. Sou sagitariana, então sonho e acho que tudo vai dar certo sempre. 

Calça, top e sobretudo, tudo **Fauve**;
chapéu **Foz**; colar **Belo Imperfeito**; ear
cuffs **Apricus**; sapato **Ferragamo**

Beleza: Dindi Hojah. *Nail artist*: Roberta
Munis. Set design: Débora Lima.
Produção executiva: Eduarda Heinlik.
Coordenação de produção: Octavio
Duarte (ODMGT). Produção de moda:
Carol Machado e Maria Antônia
Miranda. Vídeo: Gui Yoshida. Assistente
de beleza: Yasmin Garcia. Assistente
de *nail artist*: Nalin. Assistentes de
fotografia: Franck Willian e Fabricio
Marconi. Assistentes de vídeo: Kim
Olivier e Pedro Bau. Tratamento de
imagem: Bruno Rezende. Camareiras:
Alessandra Nascimento e Tatiane
Sélio. Catering: Daniela Batista.
Agradecimentos: A Garimpeira

